

Colecção: Patrimónios - Nº 5

Título: Grupo de Folclore de Machico
Retrospectiva dos 25 anos (1982-2007)

Edição: Câmara Municipal de Machico

Machico, Outubro de 2007



Fig. 1 à 4- Trajos do Grupo de Folclore de Machico. Foto MCN

Sobre o trajar

Paulo Ricardo Caldeira

O trajo nos últimos anos tem sido matéria de várias reflexões. O aparecimento de vários grupos, as “invenções” que se fizeram e o questionar da uniformidade do vestir constituíram a base para o aparecimento de diversas publicações e estudos.

Existe documentação variada no âmbito do estudo do trajo popular na Madeira, identificando-se duas épocas: a primeira, refere-se ao período anterior ao final do Século XIX, com iconografia, descrições de estrangeiros e testamentos / livros da alfândega; a segunda, após o final do Século XIX, já com fotografia, jornais e testemunhos orais.

Os trajos do grupo datam, aproximadamente, da segunda metade do Século XIX e inícios do seguinte, espaço temporal que julgamos poder caracterizar uma indumentária com características peculiares, diferentes de outras regiões, como

é o caso da carapuça ou botas regionais. Posteriormente, a comercialização generalizada de tecidos, sapatos e chapéus fez com que essas diferenças se atenuassem, verificando-se uma uniformização, principalmente nos centros urbanos.

No estudo realizado aquando da fundação do grupo, já se referia que “por tudo isto o Grupo Folclórico deste Agrupamento Cultural possui uma indumentária que foi fruto de um estudo que patenteia a singularidade de trazer consigo a etnografia dos seus antepassados. Do material recolhido não nos apercebemos que o Concelho de Machico usasse o generalizado trajo regional. Tendo sempre presente que a indumentária não se pode explicar pelas leis do bom gosto e pelas regras estéticas actuais”.

Há ainda que distinguir duas zonas geográficas diferenciadas na freguesia de



Fig. 5



Fig. 6

Machico: a litoral, zona ligada ao mar e às suas vivências e a zona alta e interior, mais ligadas à agricultura e ao campo, que influenciaram a forma de vestir não só pela localização, mas também pelo clima e actividades laborais.

Os tecidos mais usuais entre o povo eram os fabricados na ilha: o linho e a lã regional (Seriguilha). “Na Exposição Industrial Madeirense, inaugurada aquando da visita de D. Carlos I à Madeira, em 24 de Julho de 1901, João Escórcio Drumond apresentou Machico. Foram expostos todo o tipo de tecidos executados por teares manuais: saias de lã tingidas de vermelho, barretes de lã pretos e outros brancos, tecidos de lã para saias e toalhas de linho.”

¹ Os primeiros trajos (1982) em seriguilha e linho do Grupo Folclore de Machico ainda foram tecidos em Machico, no sítio dos Maroços, trabalho que infelizmente hoje já não é possível realizar, mesmo existindo um ou outro tear.

Existiram também muitos tecidos importados, principalmente de Inglaterra, como a baeta, sarja, lã e seda, como comprova a correspondência do mercador inglês W. Bolton de 1695-1700: “Temos necessidade de mercadoria e portanto desejamos que nos envie pelo primeiro

barco, baeta preta de Colchester; cinco meias peças de lã de Bocking, a saber: duas vermelhas, uma azul, uma verde e uma amarela; 20 pares de calções de lã grossa em vermelho e azul; 20 peças de perpetuanas; 20 peças de boa sarja preta; 10 peças de tecido de lã em moda; 2 peças de tecido negro com cerca de 12 polegadas por jarda; calções em preto, sortidos, alguns grandes e bons, outros coloridos; dez peças de «ten hundred» pretas. Podeis fazer o aumento que entenderdes quanto às quantidades destes tecidos.” ²

Neste contexto a profissão de adelo foi bastante importante, vendiam as “fazendas de vara e côvado” por toda a ilha. Em 1820 foram contabilizados 68 *adellos* e 15 *adellas*, que eram controlados por várias posturas dos municípios. ³

A tinturaria, apesar de artesanal, tinha alguma utilidade. A comprovar esta importância encontramos ainda na Ribeira Seca um sítio designado de Pastel, planta tintureira muito comum para obter o azul. Para além desta era usado a urzela (amarelo/castanho), drago (vermelho), ruivinha (vermelho), Amoreira (amarelo), entre outras.

O calçado também era muito importante. O sapateiro é uma das profissões



Fig. 7

mais antigas, e durante muitos anos deu forma ao calçado da população de Machico. Existiram em grande quantidade e nos diferentes sítios, aparecendo nos registos como um dos principais ofícios seguindo-se ao amanho da terra e as actividades do mar.

O calçado foi perdendo, ao longo dos tempos, o cunho de antiguidade caseira. A bota chã de lisa sola e cano alto de pele de cabra, visionada nas gravuras do século XVIII, modificou-se. O cano da bota desceu e debruou-se com uma risca vermelha. Segundo Eduardo C. N. Pereira, no livro *Ilhas de Zarco* "As mulheres de Machico honram a tradição da bota primitiva guardando nela características seiscentistas: cano elevado até meia perna, justo a esta e fabricado de cordovão ligeiramente alaranjado e brilhante de graxa; as cabeças das botas ou gáspeas, de pelica ou pele de vaca, mais escuras que o cano, também

alaranjadas e brilhantes. Levantaram o cano, há poucos anos, à altura de 22 cm para encobrir a perna até a orla do vestido. O uso destas botas é secular entre as mulheres da Banda-de-Além, bairro de pescadores de Machico, o mais antigo da Vila, e também entre as camponesas de meia freguesia para a serra, peculiar sobretudo das mulheres do sítio dos Maroços."

No entanto muitas pessoas andavam e trabalhavam descalças. Verificou-se isso até o último quartel do século passado. Traziam o calçado em mão e calçavam-no chegando perto da igreja ou alternavam a bota dum pé com a do outro para economizar, como descreve Paulo Perestrello da Camara em 1841 "...quasi nunca usarem de calçado senão nas igrejas ou em ocasiões de festejos." ⁴

Para além das botas toda a roupa era um bem de muito valor e conservado durante muitos anos. Era cumprido à

1- RIBEIRO, Adriano, *Machico – Subsídios para a história do seu concelho*, CMM, 2001.

2- ARAGÃO, António de, *A Madeira Vista por Estrangeiros 1455-1700*, Funchal, DRAC, 1981.

3- GOMES, Fátima Freitas, "Amassarias, fancarias, tavernas...no Funchal dos finais do século XVIII a 1820", *Revista Atlântico*, nº 7, Outono de 1986.

4- *Breve Notícia da Ilha da Madeira*, Lisboa, 1841.

Fig. 5- Jovem descalça com vestido preto. Foto Varvara. DERVENN, Claude, *Madeira*, Paris

Fig. 6- Viúva vestida de preto, com lenço, xaile e botas

Fig. 7- Largo da igreja, nos inícios do século XX. Fotografia Vicentes



Fig. 8



Fig. 9

regra o ditado popular: *Remenda a saia com bom pano, que te chegará ao ano; torna a remendar que a novo ano te há-de chegar.*

No povo, distinguem-se essencialmente três tipos de trajos: o domingueiro ou de Resguardo, o de cote (usado diariamente) e o de trabalho. Normalmente o traje domingueiro era guardado só para ocasiões especiais como o "ir à missa" e diferenciava-se do usado durante a semana. Quando as peças ficavam velhas passavam para o trabalho.

O valor dado à indumentária fez com que ficasse registado em testamento algumas peças de vestuário. Danilo Fernandes realizou uma investigação⁵ dos testamentos do sul da ilha no Século XVIII, referenciando trinta e dois testamentos da freguesia de Machico, concluindo que a cor predominante era o preto e o azul, o mesmo acontecendo a nível regional, o que vem provar que o traje difundido como regional e imposto às floristas em 1933 pelo Município do Funchal, apesar de existir e visualmente se destacar, não era certamente o mais frequente na Região.

Ovington, que visitou a ilha, diz, em 1689, que «o povo afectava uma certa gravidade no vestuário, trajando de preto

para imitar o clero». Em 1792, é a vez de Barrow afirmar que «as mulheres das classes médias vestiam sempre um fato preto». "O trajar de negro ainda hoje toma vulto muito comum, sobretudo nas zonas rurais da Madeira. O fato preto serve, realmente, para ser usado em ocasiões mais relevante e destacadas da vida rural. Tanto para ir a um baptizado, à missa aos domingos, tomar parte num cortejo de casamento, acompanhar o defunto à sepultura (...) Raro é o camponês, por mais pobre que seja, que não possua o seu fato preto devidamente guardado e pronto a ser vestido nos momentos apropriados"⁶ (Figs. 5 à 7).

O traje masculino e feminino têm extremidades muitas vezes iguais, carapuça e bota, embora as restantes peças sejam muito diferentes. Muitas são as referências dos estrangeiros que por cá passaram ao estranho chapéu de forma cónica, assim como ao desconhecimento da sua proveniência. Sabe-se que a carapuça foi decrescendo de tamanho, tornando-se quase um adorno, até ser substituída, já nos finais do Século XIX, pelo chapéu ou barrete de orelha no homem e, na mulher, pelo lenço ou mantilha. A carapuça normalmente era azul, forrada a vermelho no interior. No entanto, existem algumas

referências ao uso de carapuças pretas em Machico. “As mulheres casadas usam um lenço branco dobrado em três, debaixo da carapuça.”⁷ A gravura de 1821 de William Combe (Fig. 8) e a de 1840 de J. Gellatly (Fig. 9) confirmam os diferentes tamanhos da carapuça. Relativamente ao seu aparecimento “segundo alguns etnógrafos é filiada no toucado grego, no gorro medieval, na proveniência semita, em motivos arabescos e orientalizantes e no uso de algumas populações portuguesas.”⁸

Isabella de França regista um acontecimento que explica como o tipo de chapéu pode demarcar as classes sociais: “(...) acompanhava-nos o feitor, que levava a nossa cesta de provisões e um bordão ferado para os caminhos da serra. Tínhamos visto um chapéu de palha, grande, pendurado algures, evidentemente para ser usado em ocasiões especiais; mas como o feitor não se atreveria a pô-lo diante de nós, optou pela carapuça dos vilões. O

sol já escaldava. Aconselhámo-lhe a que fosse buscar o chapéu. A mulher, que me ajudava a entrar na rede, abalou precipitadamente, regressando logo com o dito chapéu, que adaptou triunfantemente à cabeça do marido, tal uma matrona romana a colocar no filho a coroa de louros. Estrugiu um «viva» geral, quando ele ajustava o chapéu na cabeça; não me esquecerei da expressão de alegria que cintilou nos olhos tanto do marido como da mulher. O rumor de aprovação e contentamento resultara não só do facto de o feitor usar chapéu, distinguindo-o do resto da plebe mas também da honra concedida pelo próprio morgado (o qual assim lho permitia em sua presença e na de sua esposa) e que o elevava tanto acima dos seus semelhantes. (...)”

O traje masculino, ao contrário do feminino, manteve-se durante muito mais tempo e com poucas alterações. Era usado basicamente em toda a Região, mas alguns

5- *Os trajes de “resguardo” e de “cote” do Sul da Ilha da Madeira*, Inatel, 1994.

6- ARAGÃO, António de, *A Madeira Vista por Estrangeiros 1455-1700*, Funchal, DRAC, 1981.

7- FRANÇA, Isabella de, *Jornal de uma visita à Madeira, 1853-1854*.

8- GÓIS, José Laurindo de, “Da indumentária e indústrias madeirenses”, *Revista Atlântico*, nº 6, Verão de 1986.

Fig. 8- “Usual manner of Travelling in Hammocks”, de William Combe, *A history of Madeira*, Londres, 1821
Fig. 9- “Villão or Peasant” de J. Gellatly (1940?)

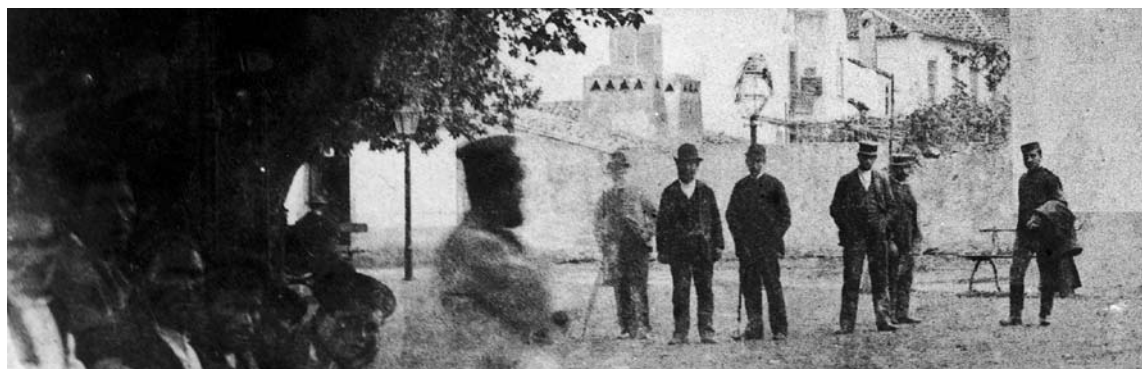


Fig. 11



Fig. 12

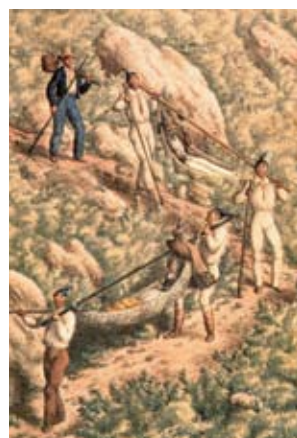


Fig. 13



Fig. 14



Fig. 15

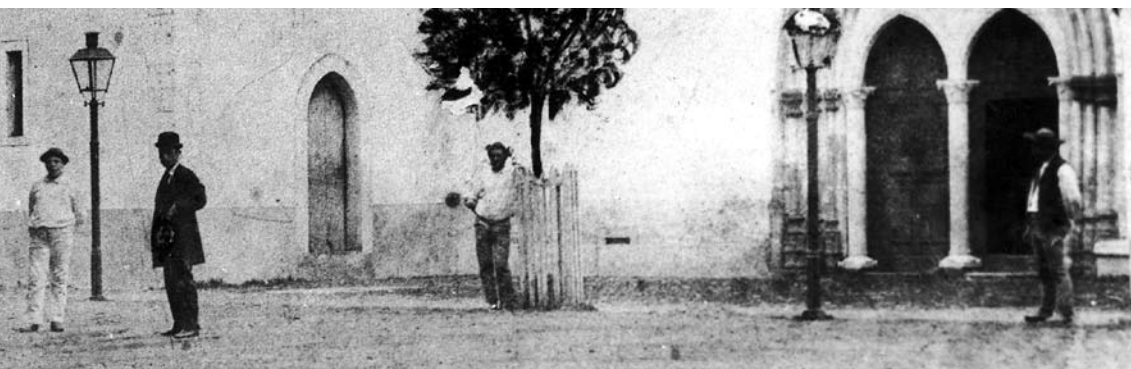


Fig. 10

pormenores poderiam fazer a distinção entre algumas das freguesias. O traje mais usado era calções e camisa de estopa ou linho natural, com um colete a que se juntava a carapuça e botas, e que já vem dos séculos precedentes. Em 1548, num livro da Misericórdia de Machico refere-se que "se tirou da caixa 200 réis para comprar uma camisa e uns calções para Gonsalo porteiro desta Casa" "mais se deram para uma jaqueta..." "se tirou um real de prata para se darem uns sapatos a Gonsalo." Refere-se ainda que a "16 de janeiro de 1547 se tirou da caixa 60 reis que se deram de esmola a Jerónimo Rodrigues para umas cabeças de Botas." ⁹

Carlos do Santos, no livro *O Traje Regional da Madeira*, de 1952, descreve que "Muito embora se tornasse difícil a nossa investigação, por falta de elementos, sempre foi possível arrancar alguma coisa da tradição, que nos mostra os homens, aí

pela segunda metade do século passado, vestindo calças brancas, de linho, abertas ao lado, chamadas caçapos, jaqueta curta de pano preto, camisa de linho, carapuça preta muito longa e botas de cabedal branco talvez o que se chama «vaca» não tingido. Era este o traje domingueiro."

"O fato usado pelos homens, com o rodar do tempo, passou a ter calça comprida em fazenda regional - serguilha -, tecida com lã e linho, colete também da mesma fazenda, barrete de lã parda encimado por uma «borla» franjada, com «orelhas», (...)" ¹⁰ Este traje conseguiu manter-se quase todo o século passado, nos anos oitenta ainda se conseguiu vê-lo a ser usado em Machico (Figs. 11 e 12).

Isabella de França num percurso feito numa rede (Fig. 13) descreve "Nessa vereda os homens pararam, e um deles, descansando a extremidade do pau da

9- "O fato do diabo, curiosas notas sobre a Misericórdia de Machico", Suplemento ao nº 50069 de *O jornal*, 1949.

10- PORTO DA CRUZ, Visconde do, *O traje no Arquipélago da Madeira*, 1954.

Fig. 10- Adro da Igreja Matriz nos finais do século XIX, Foto CMM. Repare-se na amostra das diferentes classes sociais

Fig. 11- Fotografia da Revista *Ilustração Madeirense*, n.º 2 de 1930

Fig. 12- Elementos do Grupo de Folclore do Porto Santo e de Machico

Fig. 13- Ilustração "Descendo para o Rabaçal" de Isabella de França de 1853-1854

Fig. 14- O lagar, Colecção Pitt Springett, 1842

Fig. 15- Representação do transporte com rede, elementos do G. F. Machico. Foto MCN



Fig. 16



Fig. 17



Fig. 18

rede no talude, começou a desembaraçar-se de qualquer coisa; tendo eu perguntado o que era, disseram-me que estava a tirar as calças! Era um par feito de pano castanho espesso e grosseiro, tecido na Ilha, e ele, sem dúvida, achara-o muito quente. Declarou que só o usava quando ia à igreja ou quando conduzia gente de respeito; mas como íamos à serra, esperava que o desculpássemos ver-se obrigado a tirá-lo. Como, por baixo, trazia outras calças decentes, de linho branco, muito mais indicadas para o calor, nós não pusemos objecções, e as de cor castanha, dominigueiras, foram enroladas e metidas atrás da minha almofada.”¹¹

“A indumentária do camponês nas lides caseiras nada oferece de extraordinário. Os calções brancos caem em desuso e, em toda a parte surgem calças de linho, seriguilha, marafuz ou qualquer outro tecido, camisa de linho ou algodão e um colete e casaco feitos, muitas vezes, do mesmo tecido das

calças.”¹² É comum ver nas fotografias do início do século passado homens de calças e camisa brancas, colete e chapéu de palha ou de feltro a trabalhar (Figs. 14 e 15), contrariando com o fato preto dominigueiro. Isabella de França refere que “...os barqueiros ficam escuros como índios. O traje deles consiste numa camisa e calças de linho e, em geral, chapéu de palha. Se usam botas, o que não é vulgar, estas são de pele acastanhadas.”¹³

Segundo Carlos dos Santos¹⁴, em Machico, os homens usavam no trabalho calças de lã amarela (tintura obtida por cozimento de cavacos de amoreira), camisa de linho, colete de marafuz debruado em toda a roda da liga preta e carapuça da mesma cor (Fig. 17).

O traje de trabalho diferencia-se de profissão para profissão, apenas por um ou outro acessório ou pelo uso de mais ou menos peças.

11- FRANÇA, Isabella de, *Jornal de uma visita à Madeira*, 1853-1854.

12- FERNANDES, Abel Soares, ALVES, Ângela e FERNANDES, Julieta, *O Traje na Madeira - Subsídio para o seu estudo*, Funchal, 1994.

13- FRANÇA, Isabella de, *Jornal de uma visita à Madeira*, 1853-1854.

14- *O traje Regional da Madeira*, 1952.

Fig. 16- Pormenor da gravura de Machico de James Bulwer de 1827

Fig. 17 e 18- Trajos do Grupo de Folclore de Machico. Foto MCN



Fig. 19- Pormenor da gravura "Robert Machim's Chapel, Machico" de Frank Dillon, 1856
 Fig. 20- Pormenor da gravura de Machico de Lady Susan H. Vernon Harcourt de 1851
 Figs. 21 e 22- Trajos do Grupo de Folclore de Machico

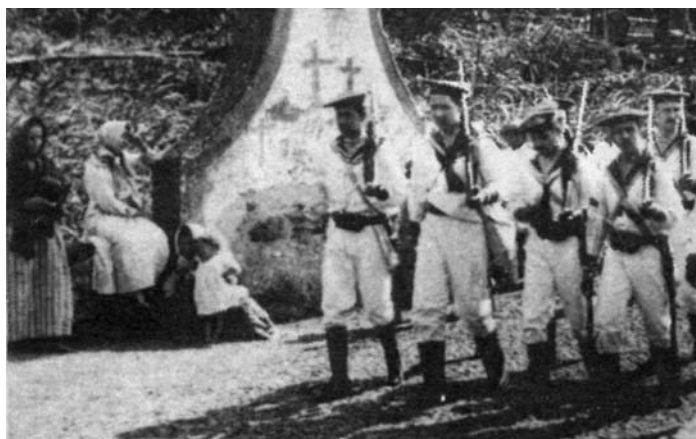


Fig. 23- Fotografia junto à Capela dos Milagres nos inícios do século XX, Fotografia Vicentes
Fig. 24- Fotografia na Rua do Leiria, estrada do cais, (1873?), *Impressões da Madeira Antiga*, 1983
Figs. 25 e 26- Trajos do Grupo de Folclore de Machico



Fig. 27

O traje feminino mais sujeito a modas do que o masculino, é muito mais diversificado, mantendo as botas e carapuça: é formado por uma saia, blusa, corpete e capa curta. Numa fase mais tardia desaparece o corpete e usa-se uma blusa chamada "polca". Usa-se também o vestido de chita enramada, lenço e xaile.

O Visconde do Porto da Cruz diz que "Na Capitania de Machico as «vilas» mantinham as saias de cor uniforme com tons carregados e usavam uns «gibões» largos em fazenda clara, lenços brancos para a cabeça, os chales escuros, com franjas, e a típica «bota Chã»." Menciona ainda que "Os homens e as mulheres usaram camisas brancas em bom e fresco linho..."¹⁵ Este investigador refere que as saias de uma só cor predominaram durante muito tempo. Também Carlos dos Santos diz que nas zonas mais próximas da serra e em Água de Pena essas saias eram vermelhas ou amarelas. Muitos trajes, principalmente os de cote, eram de cor natural (preto, branco e castanho) tecidos com dois ou três fios

ou alternando as cores branca e castanha. Os que eram tingidos, a cor desmerecia com o tempo, devido ao processo de fixação da cor.

Confirmando algumas gravuras e os testamentos, o Cónego Fernando de Menezes Vaz diz que "Em Machico, as capas, semelhantes às de Santa Cruz¹⁶ bem como as saias azuladas, vieram até as portas do século XIX, usadas pelas mulheres ou viúvas dos arrazes ou de qualquer outro da companhia, que por sua vez vestiam uma jaleca de baeta verde sem manga."¹⁷

Alberto Artur em 1949 retrata pormenorizadamente os trajes domingueiros de Machico: "O vigário pediu a Deus a bênção para lançar ao povo, espargindo-a lá cima, do altar, sobre o molho de lenços brancos e amarelos até mais de meia nave, sobre tapume de jaquetas azuis em barra no coice da igreja. Aquela gente se aglomerava, chegadoinha ao seu fato domingueiro, (...) Camisa de linho grosseiro, com uma



Fig. 28

dobra por colarinho pegado a dois botões acorrentados. É todo o luxo do campónio, quer dos velhos quer dos moços. Estes, na fita preta do largo chapéu de feltro colocam um botão de perpétua, flôr que nunca murcha, que é a taboleta do rapaz solteiro. (...) As raparigas, o lenço muito sobre os olhos, com um olhar sorrateiro, cabeças baixas de penitentes vestindo chita clara, ramalhuda em cores alegres, blusas com rendas (...) Depois, casadas, um chaile comprido tapa as misérias do vestuário e os filhos do peito (...)"¹⁸

"O vestuário das crianças é deveras limitado: consiste numa simples camisa e nada mais; (...) Aí pelos sete anos alcançam a carapuça, que adicionam à camisa,

mas raras vezes obtêm saia ou par de calças antes dos dez anos"¹⁹ (Fig. 27).

Este artigo é apenas uma amostra de alguns elementos que servem para fundamentar a forma de vestir do povo nos séculos passados. Ainda existem algumas peças soltas, que vamos encontrando de vez em quando. São estas, que permitem a continuação do nosso trabalho, no sentido do seu aprofundamento.

Como o traje, o folclore não é um fenómeno estático, tem vida própria. Foi e será sempre uma expressão em constante transformação.

15- PORTO DA CRUZ, Visconde, *O traje no Arquipélago da Madeira*, 1954.

16- Capa azul de lã.

17- VAZ, Cónego Fernando de Menezes - *Das Artes e da História da Madeira*, nº 13, 1952.

18- ARTUR, Alberto, "Domingo na Vila em Machico", Suplemento nº 5088 de *O jornal*, 3 de Julho de 1949.

19- FRANÇA, Isabella de, *Jornal de uma visita à Madeira*, 1853-1854.

Fig. 27- Aguarela anónima do século XIX

Fig. 28- Festa do Senhor dos Milagres nos inícios do século XX, Foto CMM



Fig. 29- Grupo de Folclore de Machico. Foto MCN